

NAZARÉ: UM PATRIMÔNIO CULTURAL DAS ÁGUAS DO RIO MADEIRA/RO

Natiele Pessoa de Souza¹

Resumo

Este artigo é fruto do trabalho de conclusão de curso no campo de estudo e área de conhecimento da Arqueologia. Apresentamos a música como ferramenta que contribui para a preservação do Patrimônio Cultural da comunidade de Nazaré, localizada no Baixo rio Madeira, distrito de Porto Velho/RO. Buscamos compreender como o trabalho do grupo Minhas Raízes, pode contribuir para a proteção e preservação do Patrimônio Cultural que é a comunidade de Nazaré, buscando o que caracteriza o modo de vida do lugar, valorizando as manifestações culturais e o modo de viver simples e alegre do homem e seu lugar de afeto.

Palavras-chave: Nazaré; “Minhas raízes”; Música; Patrimônio cultural

1. INTRODUÇÃO

Este artigo descende de um longo período de pesquisa e vivência para a elaboração do trabalho de conclusão de curso, vinculado ao programa de extensão da Universidade Federal de Rondônia, do qual participei e contribui em um trabalho recíproco de patrimônio e memória na comunidade de Nazaré. O objetivo principal da pesquisa foi apresentar Nazaré e compreender como o trabalho do grupo Minhas Raízes, pode contribuir para a proteção e preservação da comunidade, enquanto um patrimônio cultural

¹ Graduada em Arqueologia pela Universidade Federal de Rondônia. Foi bolsista do Programa de Extensão intitulado “Em defesa do patrimônio cultural dos ribeirinhos: Educação, memória e afeto”.



de Porto Velho, RO, e a percepção do modo de vida local. Utilizando de elementos teóricos que fortalecem o patrimônio cultural como bens de valor simbólico e significativo, utilizamos a música produzida pelo grupo, como um instrumento de proteção que canta o lugar, as pessoas e os o modo de vida do homem que vive do rio e da mata, junto com narrativa e a memória, apresentamos e abordamos esse encanto de uma comunidade ribeirinha que canta e encanta com suas cores e afetos.

2. ARQUEOLOGIA E PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL

Segundo Eduardo Goés Neves (2006) a região amazônica é habitada há mais de 8.000, por povos e sociedades organizadas. As pesquisas arqueológicas ganharam força com atuação ativa do Museu Nacional do Rio de Janeiro, e também com a chegada de estudiosos de outros países numa expedição na Amazônia e em algumas outras regiões do país, já por volta da década de 1870 (Funari 2010).

A arqueologia nos proporciona pensar como formadores de opinião e difusores sociais, levantando questões e debates sobre o que chamamos de patrimônio, onde nem sempre está relacionado a grandes monumentos de valor monetário, também está ligado à identidade e reconhecimento de valor social (Pelegrine & Funari 2008: 27). Nem tão pouco restrito ao palpável, material de pedra e cal como aborda em Alegria do patrimônio (Françose Choay 1992).

As primeiras discussões sobre patrimônio no Brasil se deram pelo Decreto-Lei n 25, de 30 de novembro de 1937, onde se organiza a proteção por meio de tombamento de um conjunto de bem materiais móveis ou imóveis, junto com a criação do SPHAN, por Mário de Andrade e Gustavo Capanema, que mais tarde viria a ser IPHAN. O patrimônio arqueológico e pré-histórico é protegido também pela lei 3.924 de 1961. Já o patrimônio imaterial são bens intangíveis registrados no livro de “Registro de bens culturais da natureza Imaterial”, caracterizado a partir do decreto n° 3.551/2000 como uma frente de proteção ao patrimônio intangível, um modo de fazer, de ser e expressar de valor simbólico e cultural (Fonseca 2000).

3. NAZARÉ, DOCE NAZARÉ

“É pra lá que eu vou, é pra que eu vou, é pra Nazaré”, um trecho do poema de seu Zé Ferreira, poeta da comunidade.



Figura 1: Comunidade de Nazaré. Fonte: Natiele Pessoa



Nazaré, doce e acolhedora comunidade amazônica na borda do Rio Madeira, movida de história e memória, lugar de um povo encantado pela vida regida pela natureza e simplicidade. Localizada na margem esquerda do rio, o acesso a comunidade só é possível de barco, com aproximadamente 8 horas de viagem, acesso por terra é restrito devido a reservas extrativista e a estação ecológica do Cunã que fica no fundo da comunidade. Habitada por volta de umas 500 famílias. Sua formação se deu por descendentes de indígenas e de pessoas que vieram de outras regiões do país para trabalhar no seringal, na extração da borracha e da sova (Maciel 2013:154). Uma das famílias fundadoras foi de seu Eduardo da Costa Filho, mas conhecido como seu Nanã, hoje já falecido, esposo de Dona Vena, a moradora mais antiga a comunidade.

Figuras 2 e 3 - Seu Lindoberg tecendo malhadeira e Boi Curumin. Fonte: Natiele Pessoa.



A vida das famílias ribeirinhas é movida por costumes tradicionais de ensino e aprendizagem que são passados de geração em geração. Para Walter Benjamin o ribeirinho é uma substância viva de sabedoria que por meio da oralidade utiliza à narrativa como uma importante fonte de aprendizagem e saberes (Benjamin, 1996:199).



Figura 4 - Passagem principal da comunidade. Fonte: Acervo Minhas Raízes.



A economia da comunidade é baseada na pesca e na plantação, melhora em dias de festejos. As festas e produções artísticas, animam as aconchegantes pousadas e os poucos mercadinhos locais, junto com o único restaurante do lugar, o tempero do Madeira, sempre com peixe fresco e farinha d'água.

Nazaré é uma comunidade regida pelo rio, o rio é fonte de vida e inspiração, como bem lembra (Leandro Tocantins 1983). O rio está na mesa e no imaginário, como boto rosa que encanta e engravida mulheres, vira canoa levando-a para o fundo do rio.

Figura 5 - Festejo cultural, 2017. Fonte: Natiele Pessoa.



É lugar de morada da cobra grande, do alegre tucuxi, é pouco de muitas cores e sons como escreve Paes Loureiro (1995), falando dos barcos de que colorem as águas e entram na harmonia do som do homem com o seu meio da grande jibóia que rege a vida que liga as águas e a terra em um imaginário amazônico, como o curupira, a mãe da mata, e os seres encantados que recebem o dom da cura como a Dona Preta, curandeira poderosa e respeitada em todo baixo madeira.

O calendário cultural da comunidade é movido por esse modo de vida simples e vivo, pois em janeiro tem a festa da padroeira Nossa Senhora de Nazaré. Em julho tem o festejo cultural, uma festa tradicional realizada a mais de 50 anos na comunidade, é pensando e organizado pela própria comunidade,



nele tem a tradicional brincadeira de boi, onde o é cantada toadas que narram a lenda de Katirina que queria comer a língua de boi mais bonito da fazenda. Nela é adicionada também personagens locais como a rainha do lago, a padroeira, cunhã poranha², porta estandarte, rainha do folclore e outros que representam o lugar.

Figura 6 - Dança do Serigandô centenária. Fonte: Acervo digital Minhas Raízes



No festejo tem também a tradicional quadrilha junina com os personagens do nordeste e com personagem locais, como o seringueiro, o índio, a folhagem que representa a mata, tem a dança das águas com a presença da mulher lavadeira das águas amazônicas. Ainda no festejo tem a apresentação da respeitosa Velha-Guarda, um grupo de amigos mais antigos da comunidade, que serviram de inspiração para seu Maciel mais tarde incentivar seus filhos a criarem o grupo Minhas Raízes. Seu Maciel teve grande importância na construção da identidade cultural da comunidade, nascido do lago Uruapiada/AM, quando veio para a comunidade, trouxe consigo a da dança do Serigandô, uma dança centenária praticada por indígenas do dia de lua cheia, essa dança é praticada até os dias na comunidade de Nazaré (Souza, 2016).

Acontece no mês de setembro a colheita da melancia, pois a comunidade é muito conhecida por sua grande produção de melancia. A festa da melancia é uma festa para incentivar e apoiar a produção e plantação local, pois, neste dia é realizada várias atividades que envolvem campeonatos de quem come mais melancia e de quem plantou a maior melancia. Toda movimentação e produção na comunidade envolvem os saberes e os sabores da região.

A Comunidade de Nazaré conta ainda com a família que constitui o Grupo Musical: Minhas Raízes, que cantam o lugar a décadas.

² Significa moça bonita na língua tupi.

Figura 7 - Grupo Minhas Raízes. Fonte: Site oficial Minhas Raízes. Foto: Projeto Proext.



Com quase 15 anos de trabalho, o grupo Minhas Raízes teve suas primeiras ideias motivadas pelas grandes movimentações culturais que já aconteciam na comunidade articuladas por seu Maciel, na época, professor da comunidade. No tempo visionário de Seu Maciel, a comunidade tinha um pequeno coral, que agregava várias crianças da comunidade e de outros lugares, onde o próprio compunha as músicas para as danças, para as apresentações e para a Velha-Guarda da qual também era integrante.

O grupo criou formas depois da sua partida material, por Túlio, Timaia, hoje integrantes e principais compositores e articuladores culturais da comunidade como diz Timaia: “O sentimento é o que faz com que a gente continue sempre”. Hoje o grupo é composto por Timaia, Tulio, Taison, Talison, Talia, Thais, Tailene, Tailon e Tanisson os netos.

O grupo tem como principal foco cantar Nazaré, cantar suas raízes, e seu modo de vida. Em ritmo compassado de boi e eles cantam o encantamento da floresta. Este é um trecho da música “Minhas Veias” de Túlio Nunes, o grupo fala do rio como seu lugar de memória e reconhece sua ancestralidade indígena.

Nas correntezas do Madeira.

Esquecer minhas fronteiras.

Falar português, espanhol, inglês.

E deixar o tupi reinar em meu sangue.

A canção “Sabores da Terra” de Timaia Nunes, é uma música que canta a culinária do lugar, que ao mesmo tempo canta o modo de subsistência do lugar, o que a terra dá para as pessoas que sobrevivem ali.

Tem pirão, tucupi, suco de caju.

Vinho de açaí, jaraqui na brasa, também jabuti.

Menino vem cá tomar patuá com farinha d’água.



Na música “Canção do Rio” podemos observar a figura do rio e atividade recíproca entre o homem e o seu meio, chamando atenção para toda vida do lugar, de maneira singela e simbólica Túlio expressa que a vivência deve ser um ato de respeito mútuo com rio, a mata, o tempo da colheita, e entender o valor simbólico desta relação de afeto do lugar com o seu eu.

Rio que sustenta a vida. Traz cantigas e muita alegria Ribeirinha.

Do povo que planta nesse chão.

Matas que vivem da cheia.

Traz fartura e tantas riqueza: Bichos, plantas.

E brotam na mesa do homem o pão.

Figura 8 - Bioinstrumento. Fonte: Acervo digital do Minhas Raízes.



Um dos grandes encantos do trabalho do grupo é também o instrumental. A estética do grupo é natural e sustentável, pois, alguns instrumentos usados para representar o som do lugar, como a chuva, o canto dos passados, o som dos ventos batendo nas árvores, a partir do acústico é feito pelos bioinstrumentos criados pelo Timaia, que utiliza materiais descartados pela própria natureza acrescentando em suas canções a musicalidade da floresta.

4. NAZARÉ, PATRIMÔNIO CULTURAL DE PORTO VELHO, RO.

O grupo Minhas Raízes possui grande importância para a preservação do patrimônio cultural e dos modos de vida da comunidade de Nazaré. Suas músicas são ferramentas que salvaguardam os modos de viver do homem amazônico. Acredita-se que, suas músicas são instrumentos fomentadores de cultura, e narrativas melódicas de memória guardam lembrança que são praticadas até os dias de hoje pelo homem que compõe a vida amazônica. As músicas são também atos de protesto que levam ao mundo, todas as reivindicações de direitos e da violação que os povos tradicionais vêm sofrendo, um instrumento de luta que mostra que eles existem e resistem.



Referências

- Choay, Françoise. 1992. *A Alegoria do Patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade & UNESP.
- Benjamin, Walter. 1996. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo Brasiliense.
- Fonseca, Cecília Londres. Artigo do registro de Patrimônio Imaterial do IPHAN. *Referências Culturais: Bases Para Novas Políticas de Patrimônio*. Brasília, abril de 2000.
- Funari, Pedro Paulo. 2010. *Arqueologia*. 2^o ed. 1^a reimpressão. – São Paulo: Contexto.
- Loureiro, João de Jesus Paes. 1995. *Cultura amazônica: Uma poética do imaginário*. –Belém: Cejup.
- Maciel, Márcia Nunes. 2013. *O Espaço Lembrado: Experiências de vida em seringais da Amazônia*. Manaus: Edua, Brasil.
- Neves, Eduardo G. 2006. *Arqueologia da Amazônia*. Editora Jorge Zahar. Rio de Janeiro.
- Pelegrine, Sandra C. A; Funari, Pedro P. A. 2008. *O que é Patrimônio Cultural Imaterial*. São Paulo: Brasiliense. Coleção primeiros passos; 331.
- Souza, Natiele P. 2016. *Minhas Raízes, Minhas Memórias: Um Patrimônio Cultural além das águas do rio Madeira*. Trabalho de Conclusão de Curso em Arqueologia. Universidade federal de Rondônia - UNIR. Porto Velho.
- Tocantis, Leandro. 1983. *O Rio comanda vida: Uma interpretação da Amazônia*. Apresentação Gilberto Freyre. - 7.^a ed. rev. e aum. - Rio de Janeiro: J. Olympio: Manaus: SUFRAMA.
- Multimídia CD: *Minhas Raízes: Em Cada Som Uma História*. Volume I. Estúdio Onda Amazônica. Acessado em 20/06/2016.
- _____, *Minhas Raízes: Saga Beradeira*. Volume II. Estúdio Onda Amazônica. Acessado em 20/06/2016.

